

ALTERIDADE E IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Ivan Ribeiro Lazzari

Dirlei Weber da Rosa

Resumo

O artigo tem por objetivo refletir sobre os conceitos de alteridade, essencialmente na perspectiva de Emmanuel Lévinas, e de Identidade cultural, principalmente sob a ótica de Stuart Hall. Dessa forma, à luz desses teóricos, compreender e elucidar esses conceitos tão complexos, e por vezes difíceis de serem interpretados, contudo, muito em voga na contemporaneidade. A pesquisa é bibliográfica, concentrada principalmente nesses dois autores que dedicam-se a estudar os temas. Sabemos que a pós-modernidade, apresenta-se de maneira dinâmica nas relações entre os seres humanos, sobretudo culturais, assim, a ética da alteridade se coloca em uma condição a perceber o outro em todas as suas dimensões, e passar a aceitá-lo, mesmo diante de tamanha heterogeneidade.

Palavras-chave: Alteridade. Identidade Cultural. Pós-Modernidade.

1 INTRODUÇÃO

As dimensões contempladas pelo estudo e reflexões acerca da alteridade e da identidade cultural, no período conhecido como pós-modernidade, possibilita a compreensão de tais fenômenos, que apresentam-se de maneira dinâmica, sempre em constante transformação. Assim como, destaca Bauman (2005, p. 9) "Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados." Contudo, trataremos de expor alguns elementos

desse "caldeirão cultural" que vivenciamos na atualidade, reconhecendo nossas limitações referente à esse fenômeno. Nossa exposição, se dará num primeiro momento à conceituar alteridade e identidade cultural, sob à luz de autores que dedicam-se a esse estudo, sobretudo em Lévinas, posteriormente distinguir períodos históricos onde tais fenômenos sofrem maiores mudanças, tanto no campo teórico, quanto no campo prático, e finalmente tentar compreender os significados simbólicos e empíricos que alteridade e identidade cultural são apresentados na pós-modernidade.

As relações sociais são características da identidade cultural, assim como, as diferenças. Dessa forma, a heterogeneidade, as diferenças culturais são inerentes a ética da alteridade, já que a mesma, tem como prioridade a compreensão do outrem, complacência ao diferente, assim como seu entendimento e aceitação, podemos ainda considerar, que o ser humano tencionado as ideias humanistas, já não vê o outrem como uma ameaça, e despreza qualquer tipo de xenofobia.

A identidade cultural, tornou-se algo plural na história recente, todavia, nas épocas medievais e modernas, ao menos na Europa Ocidental, estavam caracterizadas por elementos mais singulares, fundamentado, a princípio na igreja, posteriormente nos Estados Nacionais, assim sendo, podemos demonstrar que as características identitária da atualidade.

Diante do exposto, atestamos que não há uma nação cujo povo tenha uma origem "pura", todas são constituídas por várias etnias, cuja língua, religião, costumes, entre outros elementos culturais se diferem, assim formado um "caldeirão cultural" dentro de uma mesma nação, até mesmo dentro de uma cidade ou uma comunidade. Nem mesmo os arianos, defendidos como "raça pura", pelos nazistas, eram oriundos de um único povo, essas concepções vão de encontro com a ética da alteridade, justamente por não respeitar o outrem e suas diferenças.

2 DESENVOLVIMENTO

2 O CONCEITO DE ALTERIDADE EM EMMANUEL LÉVINAS

Para conseguirmos compreender os fenômenos tão inerentes à nossa sociedade, destacando principalmente as relações de ordem social, cultural e por vezes econômicas, devemos refletir sobre certos conceitos que estão muito em voga atualmente nesse campo, além de apontar as possíveis causas e consequências desses fenômenos. Iniciaremos então pela alteridade, segundo o dicionário Michaelis, alteridade pode ser entendida por estado ou qualidade do que é outro, distinto, diferente. Entretanto, esse termo vai muito além dessa definição, muitos autores tem se debruçado sobre o tema, e suas concepções são as mais variadas possíveis, havendo aqui distanciamentos e aproximações, todavia, não é nosso objetivo aqui delinear cada uma dessas visões, por consideramos ser uma tarefa muito complexa, tampouco esgotar as reflexões e significados. Mas ainda podemos destacar, Conforme o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2007, p. 35) o termo significa: "Ser outro, pôr-se ou constituir-se como outro". É nessa dimensão de constituir-se para Outro, através de seu Rosto, onde a partir daí devemos desenvolver a sensibilidade da Responsabilidade com o Outro. Assim, assinala Santos, (2011, p. 146): Assim, se a condição sine qua non para a existência da identidade é haver a alteridade, acreditamos, então, que a construção da identidade cultural deve ser compreendida e analisada, como um processo, uma dinâmica relacional de identidade e diferença.

A questão de alteridade não é se apropriar do outro, ela apresenta-se muito mais complexa que o simplesmente o ir e vir, é inserida em um contexto social e cultural, há uma troca constante entre o eu e o outrem, para formar uma individualidade é necessário um coletivo, a diferença, a diversidade cultural constitui a vida social, que não é apresentada de maneira estanque, mas dinâmica e por vezes conflituosa. Segundo Caetano e Costa (2014, p 198). Como já citado acima, como base na relação com o outro, segundo a concepção de Lévinas (2009 apud HADDOCK-LOBO, 2006. p. 48) complementa: A Alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma permanência na coletividade e na camaradagem – difícil e sublime é co-habitar com a diferença, é viver o eu-tu profundamente.

As relações do ser humano são complexas, ou seja, a relação do Eu não é consigo mesmo, nem entre Eu e o outrem apenas, mas entre diversas pessoas, em uma relação inserida na multiplicidade. De acordo com Caetano e Costa (2014, p 199), ele postula a ética da alteridade que, basicamente, se expressa em despertar para o outrem, sobretudo quando o outrem me é colocado de maneira diferente, dessa maneira, merece ser respeitado exatamente como se apresenta, sem indiferença, não apenas tolerando, mas o aceitando, mesmo diante da diversidade. Na visão de Lévinas (2008, p. 9-10): O primado do Mesmo foi a lição de Sócrates: nada receber de Outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde toda a eternidade, eu já possuísse o que me venha de fora. Nada receber ou ser livre. A liberdade não se assemelha à caprichosa espontaneidade do livre arbítrio. O seu sentido último tem a ver com a permanência no Mesmo, que é a Razão. O conhecimento é o desdobramento dessa identidade, é liberdade.

A pós-modernidade, tem como características marcantes a intolerância e os conflitos armados, de proporções nunca antes imaginada, a exclusão e a violência chegaram a níveis incalculáveis. Para o historiador Eric Hobsbawm, o século XX foi breve e extremado, sua história e suas possibilidades edificaram-se sobre catástrofes, incertezas e crises, entretanto, também foi marcado pelo intenso progresso científico e o desenvolvimento tecnológico, nunca o ser humano presenciou, em tão pouco tempo, tantas transformações e revoluções, tanto aquelas que dizimaram milhões de seres humanos, quanto aquelas que salvaram vidas, a exemplo das descobertas na área da medicina. Como destaca Lévinas (2009, p. 82) "a crise do humanismo em nossa época, tem sem dúvida, sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela própria abundância de nossos meios de agir e pela extensão de nossas ambições."

Contudo, a racionalidade do ser humano, tão enaltecida pelos filósofos iluministas e criticada por Nietzsche levou a um controle sobre tudo e todos, a começaram pelos regimes totalitaristas mas também, mais recentemente pela dependência das tecnologias, levando a humanidade a uma crise sem precedentes, atingindo todas as esferas da vida humana, social, cultural e até

nas relações mais privadas. A pós-modernidade não conseguiu cumprir a promessa de melhores condições de vida, como os iluministas tentaram pressagiar, nem mesmo de necessidades elementares do ser humano, como a própria sobrevivência e reduziu o outrem ao não-ser absoluto, e essa dimensão vem se arrastando, de maneira devastadora até a atualidade. Assim menciona Gomes (2008, p.25): O ser humano contemporâneo é um sujeito frágil, subjugado pela sua própria criação e que a cada novo avanço científico-tecnológico se torna mais dependente de sua produção. Esta fragilidade, esta dependência do homem na contemporaneidade se contrapõem ao que se esperava concretizar com a racionalidade e o humanismo apregoados.

Ao fazer uma reflexão mais profunda, percebemos que o pensamento racional, a priori, concebeu um ser humano totalitário, excludente, bárbaro, que se opõem ao sentimento de humanismo, já que imagina ser dotado de toda racionalidade necessária ao desenvolvimento, tornando numa ideia contraditória em si, já que tal racionalização leva a própria destruição do outrem, essas concepções nos atesta Levinas (2009, p. 91): “O estudo do homem, imbricado numa civilização e economia que se tornaram planetárias, não se pode limitar a uma tomada de consciência: sua morte, seu renascimento e sua transformação acontecem, doravante, longe dele mesmo.”

A filosofia tradicional, desejando encontrar um sentido para o mundo e as coisas, desenvolveu um raciocínio reflexivo referente à noção do Ser. Posteriormente, na modernidade, tenta-se instaurar um novo critério absoluto de verdade e vem à tona a razão. Sob a ótica do racionalismo, a subjetividade do Eu prepondera. Segundo Lévinas, essa preponderância do Eu racional gera violência na medida em que conhecer passou a ser igual a dominar e, conseqüentemente, excluir. Dessa forma, de acordo com Mello (2003, p.21): A crise dos humanismos, para ele, manifesta a ineficácia da ambição humana e a precariedade da concepção de homem. O fim do humanismo, a morte de Deus e a morte do homem são as declarações mais absurdas que a sabedoria ocidental já fez. O fruto mais absurdo do

totalitarismo do conceito foi a Realpolitik e todas as manifestações totalitárias que resultaram em guerras, mortes, perseguições político-religiosas e exclusões de órfãos, viúvas e estrangeiros. Os sistemas racionalistas ocidentais faliram porque transformaram o homem num ser submetido ao conceito e enclaustrado ao limite da razão e da sua absurdidade.

De maneira que todo o pensamento ocidental baseia-se na ontologia, o ocidente não tem condições de conceber a alteridade, pois a identidade do outrem é reduzida à identidade do Eu, abolida qualquer exterioridade. Lévinas faz sua crítica à filosofia Ocidental, que coloca a ontologia como filosofia primeira, por se tratar do Ser. A ontologia para Lévinas (2009) é egocêntrica, no decorrer da história só se preocupa com o Eu, a ontologia trata o Eu como centro do Universo. Frente a essa concepção, Lévinas (2009) propõe uma nova filosofia a partir da ética como filosofia primeira, abordando o conceito de Alteridade como princípio da relação humana.

Lévinas nos aponta que para superarmos o totalitarismos, já que o autor viveu os horrores do nazismo, foi ele próprio vivenciou à barbárie do outro sobre o outro. O contexto histórico que Lévinas viveu, foi marcado pelo ódio e intolerância, tempo este, profundamente influenciado pelo racionalismo exacerbado, levando milhares de pessoas a uma condição sub-humana. Os conflitos mundiais conduziram o ser humano a uma estado de pura barbárie, essencialmente naqueles países onde reinou os regimes totalitários, retirando dos seres humanos suas individualidades, suas crenças, suas liberdades. Como declara Lévinas (2009, p. 77): A passividade pura que precede a liberdade é responsabilidade. Mas a responsabilidade que não deve nada à minha liberdade é minha responsabilidade pela liberdade dos outros. Lá onde eu teria podido permanecer como espectador, eu sou responsável, em outros termos, tomo a palavra

Dessa forma, podemos refletir que Lévinas, pela perspectiva da ética da Alteridade nos aponta certas direções para uma humanidade mais fraterna, e conseqüentemente uma educação prescritas na compreensão do outro pelo outro, assim distanciando-se do racionalismo que foi tão maléfico para o ser humano, para o autor a humanidade deve estar calcada em princípios

baseados na benevolência, afetividade e na justiça, não necessariamente aquela voltadas às leis, mas a retidão e virtude de cada pessoa em relação ao outrem. É evidente que o pensamento de Lévinas é uma contraposição corajosa em relação ao ódio entre os seres humano e uma resistência fundamentada na ética da Alteridade como um meio de gerar a sensibilidade do outro pelo outro.

3 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Na chamada pós-modernidade, tornou-se cada vez mais difícil determinar o que compreendemos por identidade cultural, presenciamos e vivenciamos um período de ininterrupta transformação, como já fora mencionado anteriormente, a contemporaneidade passa por profundas mudanças nas mais distintas áreas, e cada vez mais intensifica-se essas transformações.

Dessa maneira, o estudo sobre identidade cultural releva-se uma preocupação cada vez mais viva em nossa sociedade, assim como o conceito de alteridade, a identidade cultural, também passa por várias leituras, sobretudo a cerca identidade na pós-modernidade, tornou-se uma preocupação entender esse fenômeno, que gera tantos debates, contudo, nossas reflexões estão baseadas nos estudos do teórico cultural e sociológico, Stuart Hall, por ser um dos maiores intelectuais em temáticas relacionadas a cultura, especialmente às aspectos e elementos culturais na pós-modernidade.

Podemos tomar como ponto de partida, a noção de identidade cultural ao longo da História da humanidade, podemos nos questionar se as características e concepções inerentes à identidade cultural, foi sempre a mesma ao longo da História? Cremos que não. Assim como, indica Molar (2011, p. 1148):[...] assim que nos tempos pós-modernos as identidades multiplicam-se, ao mesmo tempo em que se fragmentam. O homem pós-moderno ao adquirir novas facetas identitárias, adquire também, mais um aspecto de diferenciação perante o "outro". Se for perguntado: o que significa ser brasileiro? Sendo necessárias novas diferenciações identitárias, certamente se alguém perguntará: um brasileiro que nasceu em São Paulo?,

ou então, um nordestino que migrou para São Paulo e que tem como vizinho um gaúcho?, Tais indagações demonstram como um indivíduo carrega consigo múltiplas identidades, ao passo que, seus familiares e vizinhos, podem apresentar semelhanças ou não de hábitos e padrões.

As identidades culturais, que apresentam elementos plurais, sofreram inúmeras modificações com o passar dos tempos, não podemos cronologicamente padronizá-las, mesmo se tratando do espaço geográfico, já que as identidades são diferentes mesmo inseridas em uma mesma cidade, as identidades inerentes à uma comunidade religiosa, à uma classe social, e até a uma faixa etária, apresentam diferenças e semelhanças entre si, desse modo, podemos ter uma possível ideia da dimensão dessa pluralidade identitária, dessa forma, devemos considerar que o estudo torna-se complexo e distante de qualquer abordagem conclusiva. Ao abordar tal fenômeno, afirma Hall (2011, p. 12) “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” Dessa maneira, o autor nos elucidada que as identidades culturais estão em constante mudanças, mas ainda, identidades essas que se não encontram acabadas e resolvidas.

Podemos assinalar, que o período medieval e moderno, a noção de identidade cultural parecia estar mais unida, principalmente em torno de uma religião, de um reino, um estado. Como aponta Hall (2011, p. 49) “...sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região.” Todavia, não é isso que observamos atualmente, por se tratar de um contexto histórico mais heterogêneo em todas as suas facetas.

No período, segundo a historiografia francesa, de transição entre o moderno e o contemporâneo, teoricamente se deu-se em função da Revolução Francesa (1789), tal fato ocorreu principalmente pelas ideias iluministas, que pregavam entre outras coisas, a razão, a racionalidade, em detrimento ao pensamento mítico ou religioso, esses pensamentos foram decisivos para a eclosão da revolução na França, influenciando inclusive outros povos, contudo esses ideais, como já fora destacado, o racionalismo

foi muito criticado por filósofos, como Kant, Nietzsche, Adorno, assim como tantos outros, no sentido de demonstrarem que a razão não iluminou, e que está mesma razão que se afirmava produzir o racionalismo pode produzir o irracionalismo, além de não levar em conta a alteridade, as diversidades, pelo contrário, como destaca Hall (2011, p. 9) "... mas pode-se ver que essa era uma concepção muito 'individualista' do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino)." Acerca desse fenômeno ainda podemos postular como era a visão sobre a identidade cultural inspiradas no Iluminismo. De acordo com Hall (2011, p. 9): O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou "idêntico" a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

Retrocedendo temporalmente, a formação dos Estados Nacionais aconteceu devido a falência do sistema feudal, fragmentado em vários reinos na Europa, sobretudo na parte ocidental, assim ocorreu um fortalecimento dos Estados Nacionais europeus e uma concentração de poder nas mãos dos monarcas, que detinham poder absoluto sobre o seu território e seus súditos, amparado pela burocracia político-administrativa, bem como um exército nacional, esse Estado estava unificado não apenas pelo poder do rei e todo seu aparato, mas também por ideia de Nação, com seus símbolos nacionais, nascia aí concepção de patriotismo e principalmente de identidade nacional. Assim como apresenta Hall (2011, p. 51): As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.

Apresentados esses elementos, que nos indicam a formação de uma identidade ou mesmo de uma cultural nacional, que orbita em torno de uma ideia de nação. Como são apresentadas as identidades no seu interior? São todas padronizadas, não diversidade cultural? Acreditamos ao delinear tal fenômeno. Assim indica Hall (2011, p.13): A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Ainda segundo as preposições de Hall (2011, p. 47): No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural.

Ao nos depararmos com as concepções do autor, podemos ter uma noção de como as identidades, assim como as culturas nacionais são compreendidas, e como o próprio autor nos elucida a identidade cultural não está em nossos genes, mas por ser já algo construindo e empregando no imaginário social, pensamos fazer parte de nós, até porquê, a ideia de nação já está posta aí, desde antes do nosso nascimento e permanecerá após nossa morte. Conforme Hall (2011, p. 54) “Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história. Está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, ‘imutável’ ao longo de todas as mudanças, eterno.”

Tomando como base o que já fora destacado, podemos distinguir como era representado as identidades em períodos que nos antecederam, no entanto, esse fenômeno na pós-modernidade se apresenta de maneira bem distinta, com todas as suas facetas, diversidades, muito embora carregue elementos antigos, mas já não é mais tão inerte, mas dinâmico, que modifica-se constantemente.

Diante do exposto, podemos pressupor que as sociedades pós-modernas, são marcadas pelas diversidades, e por essa permanente alternância, talvez o maior desafio que nos é colocado é como ser justo

perante a diversidade, a aceitação do outro pelo outro, numa perspectiva da ética da alteridade. De acordo com Pacheco (2004, p. 10):

A alteridade vista – e nisso nada difere da modernidade – como um problema ao mesmo tempo incômodo e necessário, dentro da lógica comunitarista, deve ser isolada, controlada, demonizada. Preocupa é como, na prática, essa lógica se efetiva.

Vivemos em mundo altamente globalizado, as trocas de informações e culturas, estão em um dinamismo nunca antes visto na história da humanidade, assim podemos refletir como as noções de alteridade são postas, há uma relação de aceitação ao diferente, levando em conta o mundo em que vivemos, onde impera a globalização e o consumismo exacerbado. Assim destaca Ortiz (1996 apud MOLAR, 2011 p. 42): A mobilidade do mundo globalizado transforma os produtos e as pessoas em entes descartáveis, transformando seres humanos em computadores, vídeo games, etc. Nessa sociedade de oportunidades fugazes e de frágeis seguranças não há mais espaço para a construção de identidades nos moldes tradicionais – de caráter rígido e inegociável. As identidades são fluidas, pois a globalização age de maneira paradoxal, ao mesmo tempo, uniformizando e diferenciando grupos culturais e indivíduos no panorama social. Nesse contexto," Adaptar-se ou não a seu ritmo passa a ser uma questão fundamental."

Os efeitos da globalização, no que refere-se a lidar com o outrem, assim como, identificar até que ponto as identidades culturais são influenciadas por esse fenômeno, torna-se motivo de inúmeras discussões, portanto devemos levar em conta que a globalização são somente econômica, faz essencialmente cultural, propagada pelos meios de comunicação em massa, incluindo aí a televisão e internet, intensificam as relações entre grupos sociais, podendo ser colocada de modo pacífico ou até mesmo causar tensões, étnicas, geográficas, ideológicas, entre outros motivos, por conseguinte a pós-modernidade, que ao mesmo tempo nivelam as identidades culturais, também intensificam as diferenças, anulando, se apropriando do outro, em uma troca muitas vezes maléfica e desigual, onde certamente um sairá sobreposto ao outro.

3 CONCLUSÃO

O objetivo desse ensaio foi demonstrar, principalmente em relação a ética da alteridade e a identidade cultural, o homem pós-moderno, que inserido em uma sociedade capitalista e globalizada, preocupa-se apenas com eu, tornando cada vez mais egocêntrico e individualista, rejeitando o outrem e negando qualquer tipo de diversidade, assim negando seu semelhante, não obstante, a identidade cultural se faz, sem dúvida alguma na alteridade, tecendo uma sociedade mais fraterna e menos individualista.

O mundo pós-moderno, moldado da globalização e em um consumismo exacerbado, sempre tomando como modelo os países desenvolvidos do ocidente, sobretudo os Estados Unidos, que indubitavelmente, talvez não totalmente de maneira intencional, mas busca uma homogeneidade, que resulta em certo modo, em crises de identidade cultural regionais, sejam elas religiosas, artísticas ou ideológicas, dessa maneira invadindo fronteiras, sem pedir licença, impondo seu estilo de vida, desestabilizando as identidades regionais, muito mais profundamente, que nos períodos medieval ou moderno, em virtude dessa trocas globalizantes, muito mais profundas que em qualquer época passada.

Segundo Lévinas (2009, p.71), “o contra-senso dos vastos empreendimentos frustrados – em que política e técnica resultam na negação dos projetos que os norteiam – mostra a inconsistência do homem, joguete de suas obras”. Assim, o ser humano, no alto do saber racional, inaugurou um mundo repleto de individualismos, onde o valor do ser humano fica em último plano, assim, o racionalismo, não resolveu as angústias da humanidade, ao contrário, lhe ofereceu um mundo onde predomina o ódio, o sofrimento, e coloca o ser humano em constante estado de frustração, todavia, Lévinas nos leva a refletir que o mundo contemporâneo, fundada na educação, pode ao menos mitigar a aflição humana, tão peculiar a condição humana da atualidade, essa provocação em Lévinas, nos faz pensar que não devemos

estar indiferente em relação ao outrem, vivemos em numa grande comunidade global, assim devemos respeitar, aceitar e se sensibilizar com o outrem, tão diferente como eu também sou para ele, as identidades estão aí postas, cada qual com suas particularidades e riquezas, e somente pela ética da alteridade teremos uma educação consolidada nos princípios do humanismo e do valor da vida.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAETANO, Renato Fernandes; COSTA, Juliano Xavier da Silva. A concepção de alteridade em Lévinas: caminhos para uma formação mais humana no mundo contemporâneo. Revista Eletrônica Igarapé, Nº 3, maio de 2014.

COSTA, Márcio Luís. Lévinas uma introdução. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Da existência ao infinito: Ensaio sobre Emmanuel Lévinas. São Paulo: Loyola, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. De Deus que vem à ideia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

_____. Entre Nós. Ensaio sobre alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

_____. O humanismo do outro homem. 3ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

_____. Totalidade e infinito. Lisboa: Edições 70, 2008.

MELO, Nélvio Vieira de. A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MOLAR, J. O.; A alteridade na educação: noção em construção. Revista NUPEM (Online), v. 3, p. 61-72, 2011.

PACHECO, Joice Oliveira. Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias. Spartacus: Revista eletrônica de História UNISC, 2004.

Sobre o(s) autor(es)

Ivan Ribeiro Lazzari. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). (ivan_ribeirolazzari@yahoo.com.br).

Dirlei Weber da Rosa. Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). (dirlei.rosa@unoesc.edu.br.) I